



GENI NÚÑEZ

Descolonizando
AFETOS

experimentações sobre
outras formas de amar

TRECHO ANTECIPADO PARA A CRIAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

G E N I N Ú Ñ E Z

Descolonizando
AFETOS

experimentações sobre
outras formas de amar

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Geni Núñez, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

Preparação: Ayala Tude e Ligia Alves
Revisão: Caroline Silva e Fernanda Guerriero Antunes
Diagramação: Daniel Justi e Vivian Valli
Capa e projeto gráfico: Daniel Justi
Ilustrações de capa e miolo: Denilson Baniwa

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Núñez, Geni
Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar /
Geni Núñez. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
192 p. : il.

Bibliografia
ISBN 978-85-422-2379-8

1. Amor – Aspectos psicológicos 2. Monogamia 3. Relações humanas 4.
Relações poliamorosas I. Título

23-5473

CDD 152.41

Índice para catálogo sistemático:

1. Amor – Aspectos psicológicos



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

PREFÁCIO, por Ailton Krenak, 9

APRESENTAÇÃO, 15

PARTE I: Descolonização e relacionamentos

Monogamia no início da invasão colonial, 25

Catequização e evangelização como expressões
do racismo religioso, 29

Monogamia, monoteísmo cristão e adultério, 30

Não monogamia é algo recente?, 33

Impactos da moralidade cristã em marcos legais, 35

Perspectivas monogâmicas dos jesuítas em 1500, 43

PARTE II: Desmistificando a não monogamia

Não monogamia, poligamia, monogamia:
sentidos e significados, 55

Poliamor, amor livre, relação aberta, não monogamia
consensual: sentidos e significados, 61

“Não tenho tempo para ser uma pessoa não monogâmica”, 63

Repensando a distribuição do trabalho, 69

Monogamia e não monogamia: uma questão de escolha?, 73

“Monogamia é natural porque há espécies
animais que são monogâmicas”, 80

Monogamia previne infecções sexualmente transmissíveis?, 85

“Não monogamia é desculpa de homens machistas”, 91

Heterocisnorma e machismo, 95

Repensando família e parentalidades para
além da monogamia, 100

A descentralização do sexo, 104

PARTE III: Os desafios da desconstrução, acolhendo inseguranças e angústias

Desafios da prática, 111

Reconhecendo nossa interdependência, 114

O exercício da coletividade, 115

Binarismo e suas problemáticas, 118

Acolhendo a singularidade, 122

Não monogamia e saúde mental, 124

Rejeição, outras nuances, 130

Se não nos guiamos pela moral monogâmica, que ética
não monogâmica podemos imaginar?, 138

Sufrimento, 144

Acolhimento às inseguranças em uma
perspectiva não monogâmica, 153

Autoestima, beleza e norma, 155

Breve despedida, 162

POSFÁCIO, por Juliana Kerexu, 171

REFERÊNCIAS, 179

PARTE



Descolonização e
relacionamentos

PAIDÓS

Monogamia no início da invasão colonial

Nos últimos anos, tem crescido a visibilidade das discussões sobre o tema monogamia e não monogamia. No entanto, apesar de essa visibilidade ser mais recente, essa não é uma questão nova. Temos registros históricos desses embates que vêm desde 1500 em nosso território.

Venho buscando analisar de que maneira a colonização iniciou seu projeto de imposição de uma monocultura dos afetos,¹ que persiste desde 1500 até os dias de hoje. Durante a pesquisa, uma das minhas fontes históricas foram as cartas jesuíticas, que são um dos primeiros documentos oficiais escritos que temos daquele período. Além dessa análise, li e estudei livros, artigos, dissertações e teses de pessoas pesquisadoras de referência nesse tema e parte dessa pesquisa apresentarei aqui.

Destaco o trabalho da Dra. Kimberly TallBear,² parenta indígena do povo

1 Quando falo em afetos, não estou aludindo a algo similar a carinho ou a um sinônimo para se referir a alguém com quem se tem vínculo afetivo-sexual, mas a um processo mais amplo, no qual afeto é compreendido no sentido de afetação (que não necessariamente é positiva). Uma referência nesse debate é o filósofo Spinoza.

2 Para acessar a produção acadêmica da parenta, recomendo seus artigos científicos e seu blog: <http://www.criticalpolyamorist.com/>.

Sisseton-Wahpeton Oyate, que vive na Ilha da Tartaruga (Turtle Island), território nomeado pelos não indígenas como América do Norte. Ela discute sobre perspectivas de relações não colonizadas, questionando binarismos como humano-animal, morte-vida, entre outros. A parenta reflete sobre a monogamia como parte do projeto de imposição colonial e pontua a importância das perspectivas indígenas em relação a outros modos de conceber intimidades que não sejam centradas na figura do humano universal. Ela diz: “Eu tenho múltiplos amores humanos, mas as pradarias e os seus rios e céus são os amores mais duradouros do meu coração” (tradução livre). Desde que conheci o trabalho dessa parenta, senti uma grande alegria, por perceber que, mesmo nas singularidades de cada povo, nossas conexões de alguma forma confluem.

Entre essas conexões, no centro de minha reflexão está a cosmogonia do meu povo. É a partir dela que me oriento e olho para o que estudo. Em outras de minhas publicações acadêmicas, especifico e elaboro com mais detalhes os resultados dessas análises – e deixo o convite a quem se interessar para que acesse esses materiais. Aqui não farei esse esmiuçamento, pois a proposta é apresentar apenas um panorama dessa discussão.

Engana-se quem pensa que estudar as cartas jesuíticas é apenas um meio de compreender a perspectiva colonial catequizadora, pois nesses documentos encontramos inúmeros registros das dissidências e das

desobediências indígenas contra a colonização. Analisar essas fontes por um prisma contracolonial pode auxiliar a denunciar as violências ali documentadas, reafirmando nossa memória e nossa luta nos dias de hoje contra essas antigas e contemporâneas invasões.

O que é importante sinalizar neste momento é que, quando os missionários chegaram aqui, ficaram obcecados por erradicar as não monogâmias indígenas, porque compreendiam que sem a adesão à monogamia não seria possível realizar o batismo, e sem o batismo todo o sucesso da obra missionária ficaria comprometido.³

Mais do que uma questão de quantidade, a imposição da monogamia fazia parte de todo um projeto civilizatório que buscava incutir a moral cristã como a única possível.

O objetivo de catequizar e evangelizar todos os povos do mundo parte de um lugar de “fazer o bem”, de levar o amor e a salvação, e é justamente aí que temos um ponto crucial: por vezes somos ensinados/as/es a associar opressão, racismo e demais violências a algo relacionado ao ódio, ao mal; mas para contracolônizar, ou seja, para fazer um esforço contrário à colonização, precisamos reconhecer que é justamente em nome do bem, da família e do amor que a maior parte das violências se perpetua.

3 Quem analisa muito bem esses registros é a historiadora Vania Moreira (2018).

Nesse sentido, não é suficiente dizer que determinada estrutura é saudável porque se diz referente ao amor, à caridade, ao respeito, à confiança ou à fidelidade se não abrimos essas palavras, se não vamos a fundo no que elas realmente querem dizer naquele contexto. O exercício de descolonizar o pensamento gira em torno desse gesto de termos certa desconfiança em relação àquilo que nos ensinaram que era justo e correto porque era em nome do amor e do bem.

Pensando na maneira como a catequização ocorreu em nosso território a partir de 1500, percebemos que a ideologia monoteísta do cristianismo fazia com que, para os jesuítas, apenas a própria referência de deus contasse como verdadeira e justa. A pesquisadora Carla Berto⁴ ilustra esse quadro quando explica que, em suas cartas, os padres faziam uma distinção entre aquilo que chamavam de “verdadeiras e falsas aparições” espirituais. As primeiras seriam aquelas em que haveria manifestações de santos católicos, e as segundas seriam correspondentes à aparição de “outros seres”, nomeados como diabólicos.

Essa lógica de atribuir a verdade a si e a falsidade às espiritualidades indígenas estava presente também na descrição que faziam das relações indígenas que observavam. Para os padres, as tradições indígenas não poderiam conciliar-se

⁴ Berto (2006, p. 133).

com o que para eles era o “único, perfeito e verdadeiro casamento cristão”.⁵

Catequização e evangelização como expressões do racismo religioso

Temos, com isso, os primeiros marcos do racismo religioso, uma vez que, para esses missionários, as espiritualidades indígenas eram consideradas todas manifestações falsas, pecaminosas e demoníacas de fé. Proibir as demais formas de relação indígena fazia parte da imposição de sua monocultura. Até hoje, quem persegue, destrói e queima casas de reza indígenas e terreiros de matriz afro é munido dessa ideologia da monocultura da fé, que não admite a concomitância, que não consegue conviver com a diversidade.

Nós, como povos indígenas, nunca tivemos o desejo de “salvar” os demais povos convencendo-os à força de que seus deuses eram falsos e de que apenas os nossos eram verdadeiros. Não tivemos e não temos esse tipo de prática porque as cosmogonias de nossos povos não nos

⁵ Vainfas (1997, p. 33).

orientam a isso. Não precisamos acreditar que as demais espiritualidades são falsas para validar as nossas, não precisamos inventar um “selvagem” para nos sentirmos civilizados. Em outras palavras, não positivamos nossas diferenças de modo parasitário.

Falar disso tudo importa para compreender o que anunciei antes: por que a monogamia era (e continua sendo) tão central para o cristianismo?

Monogamia, monoteísmo cristão e adultério

Se nos voltamos às características desse deus, percebemos que ele só se sente amado se é amado em caráter único, o que é exatamente o principal preceito da monogamia: a não concomitância de relações românticas como critério de fidelidade. Em minha pesquisa, constatei que a noção de adultério foi utilizada primeiro nesse âmbito espiritual para então ser aplicada também às relações interpessoais. Há diversos trechos⁶ bíblicos⁷

⁶ Como na passagem vista em Tiago 4:5.

⁷ As referências que faço neste livro à Bíblia não a tomam como um livro homogêneo, nem ignoram que suas traduções são controversas, historicamente datadas e afetadas por interesses políticos. O objetivo aqui não é uma exegese ou uma escrita da história, mas uma análise dos efeitos desse discurso hegemônico. Para quem

nos quais se menciona o ciúme de deus ao se ver “traído” pelo seu povo, em momentos em que esse povo estaria cultuando outros deuses ao mesmo tempo.

Diante disso, é possível entender o motivo de a conversão cristã não admitir a possibilidade de múltiplas espiritualidades em sua base. Não se diz que esse é um dos caminhos entre muitos, mas o “único caminho, a verdade e a vida”.⁸ É um amor direcionado aos que se convertem, e, embora haja nele a noção de livre-arbítrio, afirma-se que quem não crê já está condenado ao inferno.⁹

Esse direcionamento espiritual, segundo o qual só se prova que ama alguém se não amar outras pessoas em concomitância, é o que fundamenta a monogamia. Voltaremos mais tarde a esse ponto.

No senso comum, monogamia e poligamia são dois termos costumeiramente definidos como algo relacionado à quantidade: enquanto monogamia seria ter apenas uma relação afetivo-sexual por vez, poligamia seria ter múltiplas relações ao mesmo tempo. Essa compreensão é um dos maiores equívocos desse tema, e vou comparar o motivo pelo qual definir esse debate nesses termos esvazia o que cada palavra realmente significa.

se interessar por um estudo aprofundado sobre sentidos e traduções, recomendo o trabalho da pesquisadora Angela Natel.

⁸ João 14:6.

⁹ João 3:18.